

UM ESPECTRO RONDA OS SERTÕES: CONTESTADO E CANUDOS E O TREM DA HISTÓRIA

Rogério Rosa Rodrigues*

RESUMO

Neste artigo, proponho analisar as referências à Guerra de Canudos durante a repressão ao movimento do Contestado, ocorrido no sul do Brasil. Minha hipótese é a de que a evocação do conflito ocorrido no interior da Bahia entre as forças de repressão aos rebeldes do Contestado sugere um trauma político e social instaurado no regime republicano e na memória institucional do exército brasileiro. O recorte cronológico ficou restrito a 1912-1916, período oficialmente delimitado como de eclosão do conflito do Contestado. As fontes utilizadas foram matérias jornalísticas, relatos de oficiais militares que atuaram na repressão ao Contestado e uma charge da época.

Palavras-chave: Guerra do Contestado; Guerra de Canudos; Memória; Rebeldia.

ABSTRACT

This article examines references to the War of Canudos during the repression of the Contestado movement in the southern region of Brazil, between 1912-1916. I propose that the emergence of the conflict between state repressive forces and rebels of the Contestado in the rural areas of Bahia created a political and social trauma both in the Republican regime and the institutional memory of the Brazilian army. The sources for this research draw on journalistic material and reports by military officials involved in the military repression of the Contestado revolt.

Keywords: War of the Contestado; War of the Canudos; Memory; Rebellion.

* Professor Adjunto de Teoria da História na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: rogerclio@gmail.com.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

Passados menos de quinze anos desde a Guerra de Canudos, a imprensa nacional fazia alarde sobre a reunião de fiéis em pregação mística no interior de Santa Catarina. A nota articulava diretamente Canudos e Contestado:

A semente talvez de um novo Canudos começa a germinar no interior do Estado, na fazenda Irani, cerca de 11 léguas de Palmas, e que pertenceu a uma companhia e que hoje é, em grande parte, habitada, segundo dizem, por bandidos que ali se introduziram e que, pelo terror, trazem em sobressalto as populações vizinhas¹.

A matéria faz algumas associações dignas de nota. A primeira diz respeito à imagem do Contestado como semente de Canudos. O episódio ocorrido no sertão baiano teria ceifado o solo nacional de forma que suas sementes brotavam, vez e outra, especialmente no interior do país, aqui identificado, de forma genérica, como sertão². Tal ideia sugere uma concepção evolucionista e progressiva da história que deixou marcas profundas na historiografia brasileira, em especial no que diz respeito aos dois maiores movimentos sociais de contestação política da Primeira República³. Prova-o a replicação dessa ideia em alguns livros didáticos ao afirmar que Contestado foi uma repetição de Canudos.

A segunda associação diz respeito à concepção de que os sertanejos reunidos em torno do monge José Maria eram bandidos. Pecha similar foi lançada contra o agrupamento populacional de Belo Monte. Notícias, como esta, tem como objetivo justificar a organização de expedições militares para dispersar e prender os tais bandidos. Outra continuidade em nossa cultura política que atravessou Canudos e Contestado: movimentos com projetos políticos diferentes do oficial são vistos com desconfiança, tachados de bandidos ou atualizados com eufemismos como vândalos. A solução, em casos tais, é mobilizar o aparato repressivo do Estado para “dar cabo da coisa”.

¹ *Folha do Comércio*, Florianópolis, 30 out. 1912, p. 1

² As imagens de que o interior do Brasil era sertão, e que, portanto, era o oposto da civilização, do progresso e do desenvolvimento aparece de forma marcante na literatura e na imprensa da época. Basta mencionar o clássico livro de Euclides da Cunha, *Os sertões*, que serviu de referência para geração da época e consolidou essa ideia no pensamento intelectual brasileiro. Uma análise sobre a imagem de sertão no pensamento social brasileiro pode ser encontrada em LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representações geográficas da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan; IUPERJ; UCAM, 1999. Para estudo específico da ideia de sertão no conflito do Contestado, ver RODRIGUES, Rogério Rosa. *Os sertões catarinenses: embates e conflitos durante a guerra do Contestado*. 2001. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

³ Essa concepção pode ser identificada em MOURA, Aureliano Pinto de. *Contestado: a guerra Cabocla*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2003, assim como em LUZ, Aujor Ávila. *Os fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade de nossos caboclos*. 2. Ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

Terceira e última associação que gostaria de destacar na matéria jornalística: a de que a população circunvizinha estava aterrorizada pelo agrupamento de fiéis reunidos em torno do monge José Maria. O espectro do terrorismo é outra justificativa recorrente na busca de apoio político à repressão a movimentos sociais. Ele possui raízes e frutos – para manter a coerência com a matriz botânica de germe e semente anunciada na matéria – que ultrapassa o canteiro sangrento que fertilizou os dois movimentos rurais do campo aqui evocados para pensar a violência efetiva e simbólica contra aqueles que ousam confrontar o poder vigente.

Diante da matéria jornalística, vale questionar o que essas pessoas faziam na até então desconhecida região do Irani: limite territorial entre Paraná e Santa Catarina e alvo de disputas territoriais entre os estados vizinhos. Convém começar a destrinchar essa história pela figura responsável pela aglutinação dos supostos bandidos na fazenda do Irani: o monge José Maria.

A alcunha de monge era uma designação popular a andarilhos que perambulavam pela região seguindo a rota de tropeiros que transportava gado do Rio Grande do Sul para Sorocaba (SP). A historiografia especializada no Contestado fala da presença de três monges que atravessaram a região⁴. O primeiro, chamado João Maria de Agostini, teria cruzado os caminhos do litoral catarinense na década de 1840. O segundo, João Maria de Jesus, seria contemporâneo à revolução federalista e se diferiria do primeiro por evocar um discurso mais politicamente orientado. O terceiro, José Maria, é o que teria levado os supostos bandidos para o Irani. Este é mencionado pelo historiador Oswaldo Rodrigues Cabral como charlatão⁵. Uma prática comum entre eles seria o fato de benzer, realizar batizados, curar com ervas e fazer pregações místicas. Dessa prática originou o título de monge⁶.

As pistas sobre a presença do monge José Maria no território que foi denominado Contestado remontam ao ano de 1912, no contexto dos avanços da construção da estrada de ferro *Brazil Railway*, que ligava Rio Grande do Sul a São Paulo, e também da presença de

⁴ Sobre o assunto, destacam-se os livros de CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *A Campanha do Contestado*. Florianópolis: Lunardelli, 1979 e FACHEL, José Fraga. *Monge João Maria: recusa dos excluídos*. Porto Alegre; Florianópolis: Editora da UFRGS; UFSC, 1995.

⁵ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *A campanha do Contestado*, op. cit.

⁶ Pesquisas recentes têm revelado a existência de diversos “monges” na região do Contestado. Nesse sentido, eles não seriam apenas três, como apontavam os estudos anteriores, mas diversos eremitas e curandeiros que passavam pela região, eram identificados como fazendo parte da mesma família sagrada de João Maria. Sobre o assunto, ver KARSBURG, Alexandre de Oliveira. *O eremita do novo mundo*. A trajetória de um eremita italiano na América do século XIX. 2012. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

uma madeireira internacional instalada na região chamada *Lumber and Colonization Company*. Essas multinacionais desestabilizaram completamente a economia, a cultura e a sociedade no litoral catarinense. Duglas Teixeira Monteiro defende a tese de que tais empresas simbolizaram a entrada do capital estrangeiro no interior catarinense de modo a criar algo denominado pelo sociólogo de “desencantamento do mundo tradicional”. As relações sociais passaram a ser vigidas em termos monetários, sendo a exploração da terra um dos elementos mais candentes nessa empreitada⁷.

Não menos importante para compreender os múltiplos fatores que compõem o que chamamos de Guerra do Contestado são as disputas políticas locais ocorridas em 1912. Antes de seguir para Irani, José Maria fora acolhido por um grupo de fiéis em uma fazenda chamada Taquaruçu. Na superintendência do município catarinense de Curitibanos, estava Francisco Albuquerque. Seu opositor político, Henriquinho de Almeida, vivia em cidade vizinha: Campos Novos. As eleições municipais se aproximavam e Albuquerque, agrupado ao governo estadual, temia a influência que José Maria poderia exercer na população local.

Os memorialistas do conflito do Contestado narram que Albuquerque convidou José Maria até sua casa para “curar” sua esposa de uma enfermidade⁸. Este teria se recusado a seguir até a residência do líder político, alegando que a distância de deslocamento era a mesma e que o interessado se dirigisse até sua presença. Tal fato teria gerado em Albuquerque a ideia de que José Maria, além de não respeitar sua autoridade, anunciava, com essa atitude, uma clara oposição política ao seu governo. Difícil confirmar essa intriga, uma vez que seu registro existe antes na memória popular que preservada em outras fontes. No entanto, o que se pode confirmar é que o superintendente de Curitibanos enviou uma correspondência oficial ao governador de Santa Catarina, Vidal Ramos, denunciando o agrupamento de homens e mulheres em torno de José Maria como um ajuntamento de monarquistas que precisavam ser dissuadidos pelas armas.

A denúncia surpreende pelo argumento, já que a Revolta da Vacina, para alguns historiadores, teria marcado o último suspiro do movimento monarquista no Brasil⁹. Como

⁷ MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

⁸ LEMOS, Zelia. *Curitibanos na história do Contestado*. Florianópolis: IOESC, 1977.

⁹ Maria de Lourdes Mônaco Janotti afirma que o movimento monarquista entrou em declínio após a Revolta da Vacina; em suas palavras, “Não foi apenas o monarquismo o único partido vencido no governo Rodrigues Alves. A partir de então, também não há mais viabilidade tanto para os partidos dissidentes, como para o jacobinismo

bem destacado por Paulo Pinheiro Machado, a ideia de um levante monárquico em Taquaruçu não convencia sequer os contemporâneos, o que pode ser comprovado pelo telegrama do adversário político de Albuquerque ao governador catarinense que diz claramente: “questão restauração da monarquia, no meu ver, uma arlequinada”¹⁰. Como explicar, então, o fato de o governador acatar a denúncia? Machado acredita que ela foi ouvida devido ao receio de uma aliança de José Maria com Henriquinho de Almeida, pois ele fazia oposição ao governo de Francisco Albuquerque e de seus aliados políticos¹¹.

A ideia de restauração monárquica no interior da região sul do Brasil como elemento de justificativa para remessa de tropas oficiais é outro ponto em comum entre Canudos e Contestado. Ao mobilizar esse tipo de argumento em 1912, o curioso não é tanto a seu possível anacronismo, mas o fato de ter sido acatado pelo governador de Santa Catarina. Comprova-o a remessa de um destacamento militar da capital, Florianópolis, a fim de reprimir os fiéis e seu líder.

Avisado a tempo sobre o deslocamento da força policial em direção ao seu grupo, José Maria deixou Taquaruçu rumo a Irani acompanhado de aproximadamente cinquenta pessoas. Como dito acima, essa era uma região em querela judicial entre Paraná e Santa Catarina em função das disputas de limites¹². Desta feita, a iniciativa de repressão oficial partiu de Curitiba. O confronto ocorreu no dia 22 de outubro de 1912. Entre mortos e feridos, caíram em combate o oficial responsável pela repressão ao grupo, Capitão João Gualberto Gomes de Sá e o líder religioso, José Maria. Conhecido como combate do Irani, esse seria um dos marcos oficiais do início da Guerra do Contestado¹³.

militar e popular” JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Os subversivos da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 255.

¹⁰ MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 2004, p. 181.

¹¹ Acusar o movimento de desejar restaurar o regime monárquico no país é diferente de compreender o sentido de monarquia presente entre os sertanejos. Para este caso, vale destacar os estudos GALLO, Ivone. Profetismo popular na Guerra do Contestado. In: ESPIG, Marcia Janete e MACHADO, Paulo Pinheiro (orgs.). *A guerra santa revisitada: novos estudos sobre o movimento do Contestado*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008, p. 119-138 e MACHADO, Paulo Pinheiro. O monarquismo sertanejo. In: *Lideranças do Contestado, op. cit.*, p. 212-216.

¹² A querela de limites territoriais foi um dos fatores políticos que ocasionou a Guerra do Contestado. A região era rica em erva-mate, produto de grande importância para a economia dos Estados. Para uma abordagem mais específica do assunto, ver MACHADO, Paulo Pinheiro. Aspectos institucionais. In: *Lideranças do Contestado, op. cit.*, p. 123-162.

¹³ Digo marco oficial por ter sido uma delimitação registrada nos anais historiográficos posteriores à guerra. O final seria a assinatura do trabalho de limites entre os governadores do Paraná e Santa Catarina, em outubro de 1916. Como se vê, os dois marcos são políticos e giram em torno das disputas territoriais. Conforme aprendemos com Walter Benjamin em suas teses sobre a história, a capacidade de delimitar cronologicamente o início e

Em dezembro de 1913, novo grupo de pessoas se reuniu na fazenda de Chico Ventura, um devoto do monge, para celebrar seu retorno junto ao povo. Cria-se que João Maria desceria do céu com um exército encantado, tendo à frente São Sebastião¹⁴. O local escolhido para novo ajuntamento de fiéis fora o mesmo onde tudo começara: o povoado de Taquaruçu. O movimento foi visto, pela segunda vez, como uma desobediência aos domínios dos chefes políticos locais, em especial ao poder do Superintendente de Curitiba, Francisco Albuquerque. E, de fato, os sertanejos falavam em instaurar um nova era, anunciavam o fim dos tempos de exploração, acreditavam que os monges e santos desceriam do céu para por fim ao milênio de dominação e corrupção instaurado nesse mundo para inaugurar, na terra, um novo milênio. Nesse sentido, vê-se uma perfeita sincronia entre política e religião, lutas por melhores condições de vida alicerçadas na esperança e devoção popular. A consciência de luta dos sertanejos do Contestado surgiu no processo de repressão ao movimento religioso alicerçado por uma tradicional concepção religiosa inspirado na crença dos monges e santos. A organização dos coronéis, em parceria com as forças policiais e do Exército, no combate aos homens e mulheres, agrupados nas cidades santas, aguçou o caráter rebelde do movimento.

O alvo dessa guerra santa eram as autoridades políticas locais, a construtora da estrada de ferro que explorava a mão-de-obra dos sertanejos e a sua subsidiária *Lumber and Colonization Company*¹⁵, responsável pela instalação de uma grande madeireira na região e

desenvolvimento da história em uma teia discursiva homogênea e vazia é própria das classes vencedoras. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Paulo Pinheiro Machado tem demonstrado que os conflitos sociais naquela região se estendem para além do combate do Irani, tanto cronológico como espacialmente. MACHADO, Paulo Pinheiro. O Contestado e o mundo caboclo: história, memória e historiografia. In: VALENTINI, Delmir José; ESPIG, Márcia Janete e MACHADO, Paulo Pinheiro (orgs.). *Nem fanáticos, nem jagunços: reflexões sobre o Contestado (1912-1916)*. Pelotas/RS: Ed. UFPEL, 2012, p. 15-27.

¹⁴ Sobre o assunto, ver VALENTINI, Delmir José. *Da cidade santa à cidade celeste: memórias dos sertanejos e a Guerra do Contestado*. 2. Ed. Caçador: ed. UnC, 2000 e GALLO, Ivone Cecília D'Avilla. *O contestado: o sonho do milênio igualitário*. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 1999.

¹⁵ Sobre essa empresa, ver os trabalhos de VALENTINI, Delmir José. *Atividades da Brazil Railway Company no sul do Brasil: a instalação da Lumber e a guerra na região do Contestado (1906-1916)*. 2009. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009 e TOMPOROSKI, Alexandre Assis. *O polvo e seus tentáculos: a Southern Brazil Lumber and Colonization Company e as transformações impingidas ao planalto contestado, 1910-1940*. 2013. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em História da UFSC) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

também pela usurpação das terras com o fim de loteá-las e vendê-las a imigrantes estrangeiros¹⁶.

Em dezembro de 1913, nova expedição militar foi enviada contra os rebeldes. O desastre da operação comprova o despreparo das tropas. Os soldados se dispersaram antes mesmo de confrontar-se com os fiéis de João Maria. Entraram em pânico com as notícias da presença dos monges e santos entre os sertanejos. A moral do exército ficou comprometida diante dessa ação desastrosa¹⁷. A partir de então, novas expedições seriam montadas contra a população rebelde. Entre acertos e desencontros, da batalha do Irani, a grande campanha do exército federal designada em setembro de 1914¹⁸, onze expedições foram remetidas contra os rebeldes¹⁹. Boa parte não chegou ao confronto direto, mas gerou movimentação de forças políticas e humanas entre as elites locais e desgastou as autoridades estaduais, de tal forma que, em meados de 1914, os governadores de Paraná e Santa Catarina solicitaram, oficialmente, o pedido de intervenção federal na região. Com isso, os estados declararam sua incompetência para resolver o conflito, o que pode ser interpretado, por sua vez, como primeira vitória de São João Maria e sua gente sobre as forças políticas estaduais.

Os estilhaços de Canudos

Canudos espalhava seus estilhaços em território catarinense após quinze anos de sua destruição. Os fatos ocorridos no movimento liderado por Antônio Conselheiro estavam vivos na

¹⁶ Sobre o assunto, ver CARVALHO, Tarcísio Motta de. “Nós não tem direito” – costume e direito à terra no Contestado. In: ESPIG, Marcia Janete e MACHADO, Paulo Pinheiro (Orgs.). *A guerra santa revisitada: novos estudos sobre o movimento do Contestado*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008, p.33-71 e SILVA, Rosângela Cavalazzi da. *Terras públicas e particulares: o impacto do capital estrangeiro sobre a institucionalização da propriedade privada* (um estudo sobre a *Brazil Railway Company* no meio-oeste catarinense). 1983. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1983.

¹⁷ Vide Maurício Vinhas de Queiroz. *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916*. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1981.

¹⁸ Expedição designada em setembro de 1914. Ela mobilizou aproximadamente seis mil homens do exército brasileiro, um terço do efetivo militar, para reprimir os sertanejos do Contestado. Além desse número, contratou dois mil jagunços das forças pessoais dos coronéis locais e os colocou a serviço do exército, resta ainda contabilizar a presença do contingente das forças públicas dos estados do Paraná e de Santa Catarina. Sobre o assunto, RODRIGUES, Rogério Rosa. *Veredas de um grande sertão: a guerra do Contestado e modernização do exército brasileiro*. 2008. Tese (doutorado em história). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

¹⁹ Vide RODRIGUES, Rogério Rosa. *Veredas de um grande sertão, op. cit.*

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

memória nacional e foram usados para solicitar o extermínio dos rebeldes. No auge da repressão aos sertanejos do Contestado, eis como a imprensa da época se pronunciou sobre o conflito:

Esses bandos temíveis e desesperados resistiram em guerrilhas tremendas às pequenas forças que o governo mandava para o Contestado, sem a noção do grave perigo que tal gente representava. [...]. Os fanáticos resistiram, lutaram e o exército foi a pouco e pouco vencendo-os e arrasando os redutos.

Arrasando, incendiando, acabando.

Mas nem todos os fanáticos morreram.

[...] Era claro que as forças federais, terminada a campanha [de guerra] deveriam ficar no Contestado o tempo necessário para definitivamente fazer entrar em ordem a zona assaltada pelo flagelo vivo.

O governo entendeu o contrário.

E as forças não foram mesmo retiradas aos poucos, foram retiradas de chofre²⁰.

A matéria foi publicada após a saída da grande expedição federal comandada pelo general Fernando Setembrino de Carvalho²¹, ocorrida em maio de 1915. Era preciso amenizar a repercussão dos extermínios cometidos pelas forças oficiais a partir desse momento. A violência policial contra os rebeldes foi tamanha entre maio de 1915 e agosto de 1916, que Maurício Vinhas de Queiroz denominou esse período como a fase do açougue no Contestado²².

Diante desse contexto é que a notícia acima defende a ordem na região, o que significava, em sua proposta, calar de vez a rebeldia sertaneja com o extermínio. O redator do jornal dissimula sua proposta com uma argumentação patriótica: pequenas expedições militares trariam prejuízos aos cofres públicos, logo, melhor manter a grande expedição militar até exterminar os rebeldes.

Toda ação militar necessita apresentar uma justificativa para o uso da violência, situação que se reforça quando tal ação ocorre no final de uma administração bastante questionada como foi fim do quadriênio de governo do Marechal Hermes da Fonseca (1910-

²⁰ *Folha do Comércio*, Florianópolis, 10 de julho de 1915, p. 1

²¹ Carvalho fora o mesmo oficial nomeado pelo presidente Hermes da Fonseca como interventor no conflito instaurado no Ceará durante os confrontos jagunços, liderados por Floro Bartolomeu contra o governador e oficial do exército Franco Rabelo. O episódio aparece em autobiografia. CARVALHO, Fernando Setembrino de. *Memórias: dados para a história do Brasil*. Rio de Janeiro [s.n.], 1950.

²² QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e conflito social*, op. cit.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

1914)²³. Buscar essa justificativa em Canudos não era um mero recurso retórico. Havia algo não resolvido nesse conflito que afluía na memória nacional. E isso não dizia respeito apenas ao exército, mas a toda a sociedade brasileira.

Para os intelectuais militares, o conflito permitiu criticar os rumos da política republicana demonstrando que, malgrado o tempo decorrido, pouca coisa melhorara. Para os historiadores de farda²⁴, como em geral para os oficiais da época, a responsabilidade pelo “fanatismo” nos sertões brasileiros era da classe política, especialmente dos coronéis. Os ecos dessa concepção ficaram cristalizados na memória militar de tal maneira que, entre as publicações oficiais do exército, posteriores ao movimento, é possível encontrar o seguinte registro:

Se difere de Canudos em seus aspectos bélicos, Contestado se lhe equipara como fenômeno social. Ambos são rebeliões dos sertões, esquecidos pelo governo central. Ambos são advertências para a busca de melhores fórmulas de integração nacional, hoje, realidade das nossas esperanças²⁵.

A oposição entre políticos e militares é o velho jargão articulado nessa nota. A culpa era dos governantes, ambiciosos pelo poder, geralmente acusados de corruptos e ineptos para com a religião e saúde do povo do interior. O fanatismo, nessa lógica, seria fruto da ignorância, que nascia, por sua vez, da falta de política pública na região. Obviamente, essa ideia demonstra total incapacidade de penetrar na originalidade e criatividade da organização do movimento do Contestado. Ela ilustra muito bem a estratégia oficial de culpar os políticos e eximir a corporação militar de ter prestado serviços para as elites políticas regionais ao exterminar os sujeitos que queriam quebrar as amarras da tradição coronelística vigente no país.

²³ Hermes concluiu seu governo em novembro de 1914 sob uma forte crise econômica e política. Seu mandato foi marcado pela rebeldia de oficiais de alta patente que tentaram derrubar velhas oligarquias no país. Comprovou a eleição de Dantas Barreto em Pernambuco que deu início à chamada campanha das salvasões nacionais. Sobre o assunto, ver RODRIGUES, Rogério Rosa. *Política das salvasões*. In: Dicionário da elite política republicana (1889-1930), disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/POLÍTICA%20DAS%20SALVAÇÕES.pdf>. Acesso em 6 de outubro de 2013.

²⁴ Categoria criada por Rodrigues para se referir aos oficiais do exército brasileiro que atuaram diretamente na campanha militar da Guerra do Contestado e se dedicaram a construir narrativas históricas sobre a atuação do exército no conflito. Ver RODRIGUES, Rogério Rosa. As trincheiras das palavras: os historiadores de farda e as narrativas históricas sobre o Contestado. In: VALENTINI, Delmir José; ESPIG, Márcia Janete e MACHADO, Paulo Pinheiro (orgs.). *Nem fanáticos, nem jagunços: reflexões sobre o Contestado (1912-1916)*. Pelotas/RS: Ed. UFPEL, 2012, p. 237-261.

²⁵ *Apud* MANCUSO, Amanda Pinheiro. Entre terra e mar: história e política na narrativa oficial das forças armadas – os casos do Exército e da Marinha. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2007, p. 119.

Antigos discursos travestidos de conteúdo social inovador, essa retórica de culpar o governo após assassinar líderes de movimentos sociais no país é outra estratégia recorrente entre as autoridades – ontem e hoje – e infelizmente com fortes ecos na historiografia brasileira dedicada ao assunto²⁶. Em charge publicada em *O Malho*, de 1914, os mesmos preconceitos sobre os rebeldes são articulados.

²⁶ Vide MOURA, Aureliano Pinto de. *Contestado: a guerra Cabocla*, op. cit.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE



O Malho, Rio de Janeiro, 12/09/1914, p. 38.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

O humorista ridiculariza os rebeldes ao mobilizar diversos estereótipos em relação ao homem do campo. Os adereços incorporados na indumentária do “Imperador” dão provas disso: coruja, cobra, pé de galinha, sapo, figas, espada, calango, botas e esporas são adereços que remetem ao absurdo de que os “matutos” acreditavam e seguiam um louco paramentado de amuletos supersticiosos. À mão do suposto imperador, aparece um manifesto monarquista, assinado por D. Manoel Alves de Assunção Rocha. A espada na cintura faz alusão ao título de oficial da guarda nacional, presente em muitos dos chamados “coronéis” do interior do país²⁷.

A coroa é outro signo importante nessa caracterização da liderança do movimento do Contestado. Ela remeteria ao fundo monarquista do movimento. O fanatismo é destacado não só pelos adereços do suposto imperador, como também, pela reverência de caboclos pobres na margem inferior do desenho. Fanatismo travestido de banditismo, como bem sugere a imagem ao incluir uma arma no chão entre os “fiéis”. O caráter preconceituoso da representação humorística também se faz notar pela presença de “Zé povo” ao fundo da cena. Ele aparece apontando e ridicularizando os caboclos como a dizer: “Vejam como os pobres diabos acreditam nesse louco”.

Como se tais elementos não fossem suficientes para firmar o discurso preconceituoso do movimento, que não diferia, por sua vez, muito da imagem que se tinha dos habitantes do interior do Brasil, a legenda arremata a imagem, ao informar: “tem um exército de fanáticos a seus pés e só lhe falta ... a camisa de força”. Ignorância, fanatismo, banditismo e loucura. O corolário desse discurso, tal como a matéria de jornal reproduzida acima, era a defesa da necessidade de reprimir violentamente os rebeldes do Contestado.

Discurso militarista, matérias jornalísticas, pronunciamentos oficiais e charges humorísticas fazem parte do arsenal discursivo mobilizado contra o movimento do Contestado e demonstram o quanto o espectro de Canudos acompanhou a representação do conflito. Era preciso impedir que Canudos se repetisse no sul do Brasil. A solução seria a mesma aplicada no sertão baiano; todavia, sem cometer os mesmos erros. A imprensa, por meio das matérias jornalísticas, os militares por meio das obras memorialistas e históricas construídas sobre o conflito, fizeram questão de articular Canudos e Contestado, de forma a preservar a imagem do exército brasileiro, talvez uma das instituições oficiais mais

²⁷ A imprensa da época publicou um manifesto monárquico apócrifo atribuído a um dos fiéis de João Maria que teria se autoproclamado imperador. Foi esse manifesto que serviu de base para a galhofa acima. Ficou comprovado que esse manifesto foi uma invenção da época.

prejudicadas pelas ações em Canudos. Isso porque, além da perda de oficiais e soldados, teve que amargar o sucesso do livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha. A obra golpeou de modo certo a memória da instituição militar ao questionar a vitória do Exército em meio às degolas, falhas militares e destino dado aos poucos sobreviventes.

O canteiro e as sementes

Até o conflito em Irani, não se tinha entendimento da força e potencial de contestação dos fiéis de João Maria. A sociedade brasileira e o exército ficaram surpreendidos com os rumos dos acontecimentos nos sertões catarinenses, tanto que, após a morte de João Gualberto e de José Maria, em outubro de 1912, a imprensa sequer conseguiu caracterizar o movimento. Conforme apontado na matéria de jornal reproduzida na primeira página desse artigo, dizia-se que “a semente, talvez, de um novo Canudos começa a surgir no interior do estado”²⁸. As informações sobre as motivações do movimento e seus integrantes eram tão imprecisas que a nota anunciava tratar-se de “[região] habitada, segundo dizem, por bandidos que ali se introduziram”²⁹. Malgrado a imprecisão, que de resto nem sempre é qualidade da imprensa oficial, chama a atenção o vínculo estabelecido entre Canudos e Contestado. Poderia ser qualquer outro movimento. As arremetidas contra os fiéis liderados por Padre Cícero, em Juazeiro, por exemplo, teve seu auge em 1914, no mesmo momento dos conflitos bélicos contra os seguidores e João Maria. Assim como os sertanejos do Contestado, os fiéis da região do Crato, no Ceará, eram identificados como fanáticos. No entanto, nas páginas da imprensa, ou mais precisamente, no imaginário conservador brasileiro, era Canudos que ressurgia, tanto no Sul, quanto no norte do país.

Como já mencionado, a recorrência de Canudos durante a repressão aos sertanejos do Contestado é sintomática de uma ferida não cicatrizada na memória nacional e, mais particularmente, na memória institucional do exército brasileiro. Esse trauma social impulsionava as elites políticas do país a temer qualquer movimento que se assemelhasse à experiência dos sertões baianos. O temor da repetição de Canudos não se dava tanto pela continuidade da miséria e exploração do povo sertanejo, mas pela força revolucionária desse

²⁸ *Folha do Comércio*, Florianópolis, 30 out. 1912, p. 1 (grifo meu)

²⁹ *idem*. (grifo meu).

movimento na sociedade, ou seja, o potencial de revolta contra o modelo político instaurado no país, as promessas não cumpridas do regime republicano, a ausência de políticas públicas para a população rural pobre e o desmando dos coronéis, situações desmascaradas pelos seguidores de Antônio Conselheiro e de João Maria no momento em que se dispuseram a lutar em armas em defesa de sua organização social.

A presença do espectro de Canudos no movimento do Contestado não se fez presente somente pelas páginas dos jornais. Um dos historiadores de farda de ativa participação na repressão ao conflito na fronteira do Paraná com Santa Catarina, José Octaviano Pinto Soares, faz uma associação curiosa entre os dois movimentos. O relato diz respeito à prisão de um rebelde do Contestado, ocorrida 1915. Seu nome era Edmundo Dantas:

Em poder deste indivíduo, mais tarde preso quando na Estação do Rio Caçador se vangloriava do insucesso que a Coluna Sul tivera a 8 de fevereiro (1915) na sua investida pelo célebre desfiladeiro contra o referido reduto, foi encontrado um volume da obra *Os sertões*, tendo assinalados os pontos que tratavam da maneira pela qual os jagunços do norte combatiam em Canudos³⁰.

Soares não fora o único a destacar a presença do célebre livro de Euclides da Cunha entre os fiéis de João Maria. Dermeval Peixoto, outro historiador de farda e autor de uma das mais completas obras sobre o Contestado, registrou: “E, coisa curiosa, o próprio livro de Euclides da Cunha era lido por essas escusas regiões”³¹. Tal como seu colega, Peixoto também notou que o exemplar de *Os sertões*, encontrado entre os rebeldes no sul, tinha “assinalado a lápis os detalhes da resistência de Canudos e marcados acentuadamente os revezes das tropas naqueles árduos sertões do norte”³².

Não temos como averiguar essa informação, contudo ela não era impossível. Entre os rebeldes do Contestado, havia homens de posses. Estudos recentes têm demonstrado o papel que a leitura coletiva de a história de Carlos Magno teve na organização social do movimento³³, portanto, nada impede que o famoso livro de Euclides da Cunha tenha sido

³⁰ SOARES, José Octaviano Pinto. *Guerra em sertões brasileiros*. Rio de Janeiro: Papelaria Velho, 1931, p. 63.

³¹ PEIXOTO, Dermeval. *A Campanha do Contestado*. Curitiba: Fundação Cultural, v.2, 1995, p. 98.

³² Idem.

³³ ESPIG, Márcia Janete. *A presença da gesta carolíngia no movimento do Contestado*. Canoas: Ed. ULBRA, 2002.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

usado como obra de referência e que, em determinado momento do conflito, os sertanejos tenham unido, de forma imaginária, sua causa à luta dos *conselheiristas*. Seria esse um episódio, não raro, da vida se inspirando na arte. No entanto, ainda que seja difícil de se comprovar pelos arquivos, a ideia de que os rebeldes usavam *Os sertões* para construir suas estratégias de lutas contra as forças repressivas do governo merece crédito, antes pela referência efetuada pelos agentes do poder – oficiais que atuaram na repressão do conflito –, que pelo registro eficaz daquilo que “efetivamente ocorreu”. É da sombra de Canudos que estamos tratando, logo, mesmo que imaginada, essa referência, além de verossímil, tem muito a dizer sobre o espectro de Canudos na sociedade brasileira na época da repressão ao movimento do Contestado.

Se o episódio envolvendo os seguidores de Antônio Conselheiro marcou profundamente a sociedade a ponto de despertar referências reiteradas aos acontecimentos do sertão baiano na imprensa e na memória dos oficiais do Exército, isso se deve ao fato de que foi pelas mãos da instituição militar que a sociedade se vingou do “bárbaro e incivilizado” dos sertões do país, tanto quanto do “monarquista ignorante” e do “fanático religioso”. Uma vingança almejada pelas elites urbanas empolgada com a modernidade, visto que Canudos representava uma faceta do Brasil ignorada por muitos e desprezada pela maioria. Além disso, a população do ermo território do sertão nordestino ousou desobedecer às leis, desafiar o novo regime e desconfiar da lógica do desenvolvimento e progresso que tomava conta do país. Passada mais de uma década de Canudos, os rebeldes do Contestado faziam ecoar clamores similares aos dos conselheiristas. Eles reabriam a ferida de Canudos e buscaram, conforme lógica própria, saída para o impasse dos habitantes oprimidos pelos coronéis, pelo capital estrangeiro e pela força política autoritária. Como dito acima, essa proposta não emergiu do nada, ela se deu no processo de reunião, resistência e sobrevivência dos rebeldes às investidas de coronéis, governantes, população e forças militares, enfim, de todos que apoiaram ou para lá se deslocaram, a fim exigir que as populações se curvassem aos interesses políticos, sociais e econômicos vigentes.

Em termos institucionais, o conflito do Contestado trazia outro problema. O Exército movia uma grande campanha de modernização militar no Brasil que tinha, entre os seus pleitos, moralizar a instituição, instituir o sorteio como forma de ingresso e ampliar o

efetivo de seus homens³⁴. Todos esses elementos remontavam aos projetos desenvolvidos pelos militares logo após a Proclamação da República, mas foram interrompidos após a Guerra de Canudos e posterior entrada dos civis na Presidência da República. Um historiador militar recente chamou a atenção para as articulações entre a história institucional do exército e a história do Brasil, ao afirmar:

Quando Canudos emergiu na consciência nacional, o Exército estava tentando reorganizar-se depois da desordem dos primeiros anos da República. A experiência de combate da época não produziu um Exército mais profissional; ao contrário, arruinou-o. O nervosismo que dominou o clima político na década de 1890 permitiu que uma inofensiva colônia religiosa nos confins da Bahia fosse retratada como uma horda monarquista pronta para atacar. Os gritos vindos das chamas de Canudos perturbariam o sono de muitos soldados nos anos vindouros e deixariam uma cicatriz na *psiquê* institucional. Não há monumentos em cidades brasileiras aos mortos e feridos do Exército em Canudos, embora 5 mil soldados tenham perecido ali em menos de um ano³⁵.

Nessa declaração do historiador norte-americano Frank MacCann, gostaria de ressaltar a referência à ideia de que a experiência de Canudos deixou uma cicatriz na psique da instituição militar brasileira. Cabe destacar ainda o vínculo estabelecido pelo autor entre a modernização do exército e a Guerra de Canudos, ao explicitar que “justamente quando a instituição estava prestes a passar por uma grande reestruturação, a diminuir seu papel ativo na política e a curar as feridas da guerra civil, quase por acaso, e com certeza desnecessariamente, o mundo místico e o político travaram no Brasil uma luta mortal”³⁶.

O espectro de Canudos pesou fundo na memória republicana do país, tanto quanto na memória institucional do exército brasileiro³⁷. O Contestado abriu as feridas da cicatriz de Canudos. Por esse movimento, o exército pressentiu a oportunidade de resolver de vez o problema. O que seria efetivado tanto por meio de uma ação militar preparada, quanto pelos registros oficiais da memória da campanha de guerra. Na lógica oficial, era preciso vingar Canudos para retomar a missão de ligar a memória do Exército brasileiro à história do país e levar adiante o projeto de modernização militar. Para tanto, não se poderiam cometer os

³⁴ Sobre a modernização, ver MACCANN, Frank. *Soldados da pátria*. História do Exército Brasileiro (1889-1937). São Paulo: Companhia das Letras, 2007, CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005 e RODRIGUES, Rogério Rosa. *Veredas de um grande sertão*, *op. cit.*

³⁵ MACCANN, Frank. *Soldados da pátria*, *op. cit.* p. 63.

³⁶ *Idem*, p. 64.

³⁷ Para maiores detalhes da presença dos ecos de Canudos no Contestado, ver RODRIGUES, Rogério Rosa. *Veredas de um grande sertão*, *op. cit.*

mesmos erros do passado. Urgia mostrar à sociedade uma corporação renovada, bem equipada, pronta para defender a nação, o que significava apagar a mácula de soldados e oficiais que praticavam degolas, estupravam mulheres, fugiam do campo de batalha e tantos outros problemas frequentes no cotidiano da repressão aos rebeldes de Canudos, que se repetiram em menor escala no Contestado, mas que colocavam em risco a instituição militar e, por conseguinte, a relação Exército e República no Brasil³⁸.

Sendo assim, o contexto da Guerra do Contestado era de perigo para o exército brasileiro. Era preciso resgatar a memória da instituição e atá-la ao fio da política nacional, ou seja, ao seu papel destacado na Proclamação da República e na consequente condução do país aos rumos do progresso. Uma grande campanha militar nos sertões, se bem conduzida, poderia garantir visibilidade à missão que o exército se outorgava nos rumos políticos e sociais do país³⁹. Nesse sentido, é possível falar que, em termos de construção de memória oficial, a campanha militar movida contra os sertanejos do Contestado vingou Canudos.

Vingou em termos estratégicos, pois mobilizou tropas modernas, testou regulamentos traduzidos dos manuais de guerra provenientes da Alemanha e da França, aplicou estratégias de guerra de acordo com as modernas concepções ocidentais⁴⁰. Vingou também em termos sociais, ao desempenhar uma suposta campanha humanitária, uma guerra que se dizia dentro dos “limites de civilidade”. Em outras palavras, uma guerra supostamente sem as barbaridades de Canudos, em que as mulheres, crianças e idosos teriam sido poupados, em que os soldados e oficiais, além de equipados e disciplinados, seriam bem comandados,

³⁸ Sobre o cotidiano da guerra, ver RODRIGUES, Rogério Rosa. Das ordens à disciplina: a relação do exército brasileiro com as populações das vilas na região do Contestado. In: ESPIG, Marcia Janete e MACHADO, Paulo Pinheiro (Orgs.). *A guerra santa revisitada: novos estudos sobre o movimento do Contestado*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008, p.13-31.

³⁹ Defendo a hipótese de que no contexto da Guerra do Contestado, o exército brasileiro possuía um projeto político para a nação brasileira. Sua proposta incluía um executivo forte, o combate às velhas oligarquias nacionais e a aliança com novos grupos políticos do país. O sintoma mais evidente desse projeto pode ser exemplificado com a chamada política salvacionista: campanha iniciada por velhos oficiais dissidentes da parceria estabelecida pelo Presidente Hermes da Fonseca com o senador Pinheiro Machado. Para maiores detalhes sobre o assunto, ver RODRIGUES, Rogério Rosa. *As trincheiras das palavras: os historiadores de farda e as narrativas históricas sobre o Contestado*. *Op. cit.*

⁴⁰ Rodrigues desenvolve um capítulo específico para pensar a relação da tecnologia bélica utilizada no Contestado e a campanha de modernização militar no Brasil. Sobre o assunto, ver RODRIGUES, Rogério Rosa. *Veredas de um grande sertão*, *op. cit.* p. 217-301.

seus soldos pagos regularmente. Uma campanha civilizada por ter sido realizada com todos os recursos bélicos, humanitários e políticos⁴¹.

Vingou, por fim, porque venceu o trauma de Canudos com a especial colaboração dos historiadores de farda que enquadraram a atuação do exército nos limites da história política republicana, o que se deu fundamentalmente pelo controle da memória efetuada nessa campanha de guerra. Vitória, afinal, que deixou como herança um saldo de mortos, entre civis e militares, estimado em mais de dez mil pessoas, que devolveu para os coronéis locais sua autoridade diante dos corpos e posses da região, que garantiu a livre exploração dos recursos naturais – como a madeira – e das terras nas mãos da empresa norte-americana *Lumber and Colonization Company*, que gerou uma casta de oficiais em ascendência na carreira política e militar do Brasil como o fora a de Fernando Setembrino de Carvalho que atingiu o posto de Ministro do Exército durante o governo de Arthur Bernardes e pôs-se à frente de luta contra os tenentes rebeldes da década de 1920⁴².

Considerações finais

Ao construir uma organização social diferente da regida pelas leis que beneficiavam os coronéis e donos de multinacionais, os rebeldes do Contestado criaram uma fratura no desenvolvimento da história do Brasil. Talvez esse tenha sido um dos aspectos mais revolucionários da luta dos fiéis de João Maria. Essa luta era por questões concretas e materiais, tais como distribuição de terras, deposição de políticos e destruição da estrada de ferro, mas também se manifestou por meio da perseverança dos rebeldes, da capacidade inventiva em esconder-se entre os pinheirais da região para combater o invasor, da coragem de enfrentar toda a munição armada e discursiva do país dirigida contra seus filhos, pais e esposas. Eles suspenderam por quatro anos o desenvolvimento progressivo da história dos vencedores. Fizeram parar o tempo e organizaram uma grande ofensiva contra a tradição do conformismo. Foram derrubados pelo grande arsenal movido contra eles. Mas perderam a Guerra? A luta foi em vão? Cabe ao presente recuperar o sentido dessa batalha. Como ensina

⁴¹ Esse discurso oficial contou com o apoio da imprensa da época e com o uso intensivo da tecnologia fotográfica a serviço da propaganda oficial da campanha de modernização do exército brasileiro. O assunto foi analisado por RODRIGUES, Rogério Rosa. *Veredas de um grande sertão*, *op. cit.*

⁴² MAcCANN, Frank. Soldados da pátria, *op. cit.*

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

Benjamin: “Importa ao materialismo histórico capturar uma imagem do passado como ela inesperadamente se coloca para o sujeito histórico no instante do perigo”⁴³. Esse instante parece premente em tempos atuais de repressão violenta aos movimentos sociais no Brasil contemporâneo. Cabe a nós, sujeitos do século XXI, reconhecer as cintilações revolucionárias na constelação de experiências passadas que possam conferir legitimidade às lutas contemporâneas. Somente assim seremos capazes de “arrancar a transmissão da tradição ao conformismo”⁴⁴ que subjuga tanto o passado quanto o presente à lógica dos vencedores.

⁴³ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política, op. cit.* p. 224.

⁴⁴ *Ibidem*